

# A contribuição Alemã à Lingüística e Antropologia dos Índios do Brasil, especialmente da Amazônia<sup>1</sup>

Sebastian Drude<sup>2</sup>  
Museu Paraense Emílio Goeldi  
Universidade Livre de Berlim

## 1 INTRODUÇÃO

A Amazônia sempre teve um lugar especial no imaginário europeu e, sobretudo, na Alemanha – um país que, diferentemente de Portugal, Espanha, Inglaterra, França e Holanda, nunca teve uma colônia nos trópicos sul-americanos. Neste imaginário ocupam um lugar especial os seus habitantes originais, os povos indígenas. Semelhante a riqueza da biodiversidade, a diversidade cultural e lingüística vem sendo ameaçadas, incentivando o interesse de cientistas, entre eles os alemães.

Esta contribuição apresenta uma síntese das atividades científicas desenvolvidas por estudiosos alemães ou que publicaram em Alemão, sobre povos indígenas no Brasil e especialmente sobre suas línguas, dando uma ênfase especial ao estudo dos povos da Amazônia Brasileira.

O que segue, então, depois destas considerações gerais, é um panorama das pesquisas e dos pesquisadores, com uma breve apreciação de suas obras e, em alguns casos, aspectos de suas vidas.

A apresentação é organizada seguindo uma divisão cronológica, tentativamente distinguindo três épocas nos estudos assim delineados, com dois sub-períodos para cada: 1) a fase da formação das ciências em questão, até o fim do século XIX; 2) os estudos da primeira metade do século XX, e 3) pesquisas modernas e contemporâneas. Depois da conclusão, uma sinopse das datas de vida e das pesquisas dos estudiosos, de mais destaque, é dada em forma de um gráfico.

### 1.1 Critérios para a seleção

A seleção seguiu os seguintes critérios, além dos mencionados acima: trato com primazia de cientistas, não de viajantes ou de romancistas, e sim, de lingüistas e antropólogos – que o são por desempenho, não necessariamente por formação; trato de alemães e de alguns brasileiros que publicaram em língua Alemã; dos que estudaram os povos indígenas e suas línguas, não a população neo-brasileira nem as línguas européias aqui faladas.

Mais preciso ainda: abordo principalmente os que contribuíram ao conhecimento sobre os índios da Amazônia brasileira. Apesar do nosso interesse pelos estudos baseados em observações *in loco*, mencionaremos alguns autores que contribuíram

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi apresentado em forma oral em 1998 num simpósio organizado pela Casa de Estudos Germânicos da Universidade Federal do Pará / DAAD (SAIA, Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico). Quero agradecer a Aryon D. Rodrigues, que se mostrou disposto, em várias comunicações pessoais, a compartilhar seu conhecimento bio e bibliográfico profundo. Cabe no contexto deste ensaio mencionar que Rodrigues, uma das maiores autoridades na etno-lingüística sul-americana, fez seu doutorado na Alemanha e até hoje coopera com acadêmicos alemães. — Também quero agradecer Nelson Sanjad e Jerônimo Alves pelos seus valiosos comentários a versões anteriores deste trabalho.

<sup>2</sup> Lingüista, pesquisador visitante no Museu Goeldi desde 1998, quando iniciou seus estudos sobre a cultura e especialmente língua dos Awetí, Tupí do Alto Xingu, na época com uma bolsa do DAAD / SAIA, agora com financiamento da Fundação Volkswagen. Email: drude@museu-goeldi.br.

para o conhecimento dos índios brasileiros em geral, mesmo que o autor nunca tenha visitado a Amazônia.

## **1.2 Antropologia e lingüística**

Na área do estudo dos índios brasileiros é óbvia a estreita conexão entre as duas ciências aqui abordadas, antropologia e lingüística, e sua importância equivalente.

Como também menciona Melatti (1984:178), a lingüística tem vários pontos de contato com a etnologia. Primeiro, os conhecimentos da língua de um grupo indígena são indispensáveis para uma compreensão aprofundada de sua cultura, muitas vezes apresentada em forma das clássicas 'monografias etnográficas'. Isto vale não só para os aspectos culturais imediatamente ligados à linguagem, como as tradições orais (mitologias etc.). O contrário também vale: não se pode devidamente descrever e analisar uma língua sem conhecer a cultura em que está inserida.

Por isso, especialmente em épocas mais antigas, quando as disciplinas ainda não haviam se formado como tais, a classificação de um estudioso como antropólogo, lingüista, arqueólogo, entre outras disciplinas afins, se torna difícil, se não impossível.

## **1.3 Fontes para este trabalho**

Por falta de estudos bio-bibliográficos detalhados sobre muitos dos pesquisadores em questão e por dificuldades no acesso à maior parte de suas obras, apoio-me em três fontes principais:

- a) Os trabalhos de Egon Schaden, que escreveu em várias ocasiões sobre a contribuição alemã à antropologia dos índios brasileiros. Certamente, suas obras são a primeira fonte para quem quiser se aprofundar no assunto. Contudo, nosso modesto ensaio difere em alguns aspectos das obras de Schaden: nosso interesse é especialmente pelo engajamento dos pesquisadores na área da lingüística. Assim, focalizamos nesta faceta das respectivas obras quando oportuno. Igualmente temos um interesse regional, então não vamos deixar de mencionar se um pesquisador teve uma relação mais íntima com Belém e o Museu Goeldi. *Last but not least*, tentamos incluir também o passado recente, ao menos fazendo uma breve referência à obra de alguns pesquisadores contemporâneos. O que também diferencia nosso trabalho do de Schaden, é que aqui se dá uma bibliografia, incluindo algumas obras fundamentais dos autores aqui tratados.
- b) A segunda fonte são diversas referências bibliográficas a publicações de alemães sobre o assunto. Como era de se esperar, a 'Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira' comprovou seu inestimável valor. Os primeiros dois tomos (de 1954 e 1968) são de autoria de Herbert Baldus e o terceiro (1984), preparado por Thekla Hartmann, a qual também publicou, em 1976, uma lista de ca. 100 referências a contribuições então recentes em língua alemã.
- c) Por último me apoio em breves resumos biográficos, não raras vezes em forma de necrológico. Aqui, também, se destacam E. Schaden e H. Baldus, ambos conhecedores extraordinários da literatura e das mais variadas atividades das diversificadas áreas da antropologia brasileira em geral e da etnologia em especial.

## 2) DOS INÍCIOS ATÉ O SÉCULO XIX

### 2.1) *Precursores temporãos*

Apesar dos viajantes terem sido *strictu sensu* excluídos pelos critérios mencionados, devemos notar que o primeiro livro que se dedica ao Brasil, de 1557, é de autoria de um alemão e trata basicamente dos índios deste país. Isto é justificado, em nosso contexto, porque o livro do bem conhecido Hans Staden, é até hoje de grande relevância para o conhecimento dos índios Tupinambá, eles mesmos sendo uma tribo do litoral, mas com inúmeros parentes na Amazônia. O livro foi traduzido para o Português (“Duas viagens ao Brasil”, 1941), honra que se prestou, lamentavelmente, a pouquíssimas obras aqui mencionadas.

Já na margem dos nossos critérios estão os viajantes naturalistas do início do século XIX, já com interesse expresso de aumentar o conhecimento científico sobre o país, como o príncipe Maximilian zu Wied-Neuwied (1782-1867). Zoólogo formado, provavelmente é o primeiro cientista a visitar o país, em 1815–1817. Com sua “observação objetiva e crítica” (Baldus 1954, No.1832) dos povos do leste, como os Pataxó, Maxacari, Kamakan, Koroados do rio Paraíba e outros, mas sobretudo dos Botocudos, publicada em 1820/21, logrou a inauguração de uma nova, segunda época. O “príncipe Max” não chegou, porém, à Amazônia.

O mais importante desta categoria é, sem dúvida, Carl Friedrich Phillip von Martius (1794–1868), que fez, com seu colega Spix, nos anos 1817–1820, uma longa viagem pelo interior do Brasil. Como a etnologia ainda não existia como tal, não é de se admirar que v. Martius fosse botânico e farmacêutico; e de fato, ainda hoje suas obras botânicas, sobretudo sobre as palmeiras, são bem conhecidas entre os biólogos.

Aqui interessam suas observações etnológicas sobre uma grande variedade de índios, todos, porém, já havendo sofrido desestruturas culturais devido ao contato com a sociedade nacional (em formação). Von Martius inicia seus estudos com uma descrição de viagem, como era de costume até o início do século XX, publicada em três tomos nos anos 1822–1831. Depois, dedica-se ao conhecimento de todas as obras acessíveis, na época, sobre os índios sul-americanos, e chega a publicar, somente em 1867, as suas “Contribuições à Etnografia e Linguística da América, especialmente do Brasil”, então a melhor síntese e sistematização do estado-de-arte, da qual os primeiros etnólogos propriamente ditos, décadas depois, partiram.

Era um ‘ótimo sistematizador e péssimo psicólogo’, escreve Baldus (1954, No.957), e de fato sua visão do índio a quem descreve como decadente, é bastante distorcida. Evidentemente, esta visão se baseia em seu imaginário formado pelo romantismo e catolicismo (v. Martius era bavariano), um imaginário que não deixou que ele se conformasse com as idealizações de, p.ex., Rousseau. Para v. Martius, as outrora bem desenvolvidas (mas pagãs) culturas indígenas tinham se dissolvido sem e até mesmo antes da interação com o branco. Para ele, estamos confrontados com o que restou de antigos estados ou semelhantes é uma mistura de gente, como num formigueiro.

Parece paradoxal que ele, apesar desta visão que enfatiza o aspecto da desordem, tenha sido o primeiro a estabelecer categorizações dos índios brasileiros, baseadas em comparações lingüísticas – antes se falava somente em “Tupí” e “Tapúya”, ou seja, todos os outros, muitas vezes hostis. Algumas das suas classificações mantêm validade até hoje, como o estabelecimento hipotético do tronco Jê, outras conclusões se mostraram, posteriormente, errôneas, como a afiliação estreita dos Karib com os

Tupí, ou o seu postulado de um grupo “Guck / Cocko”, de fato nada homogêneo. Mas não devemos esquecer que esta obra, sobretudo lingüística, abriu o caminho para as correções de tantos outros, e visto deste lado, é uma pena que o segundo tomo das suas “contribuições”, que é dedicado à lingüística, continue sem tradução para o Português.

## **2.2) Os fundadores da antropologia no Brasil e o Alto Xingu**

Certamente, para as disciplinas aqui abordadas, o mais famoso etnólogo no Brasil do século XIX, é Karl von den Steinen (1855–1929). Ele abriu o campo e, ao mesmo tempo, o marcou com grandes passos.

Formado em medicina (foi Dr. Med. com somente 20 anos) e especializado em psiquiatria, encontrou ele, numa viagem assombrosa pelo mundo, o ‘pai da antropologia’, Adolf Bastian, de Berlim. Este encontro marcou sua vida – v. d. Steinen se tornou etnólogo, e depois de uma formação corrida, quatro anos mais tarde, em 1884, empreendeu (como se fosse de passagem, na volta de uma outra expedição à Antártica) uma viagem pelo Brasil central que vai ser o maior acontecimento da etnologia (e geografia) do século passado (Baldus, 1956, p. 13).

Foi o primeiro que viajou pelo Rio Xingu, desde suas nascentes até a foz, e explorou assim uma região que, até então, era terra incógnita. Três anos depois, voltou aos formadores deste rio, desta vez exclusivamente para estudar mais os povos indígenas da região, até então sem contato com a sociedade branca. Ele era o primeiro a fazer isto e iniciou, assim, no Brasil, a etnologia propriamente dita.

Como se isto não bastasse, houve a enorme sorte de encontrar um quadro cultural singular: uma dúzia de povos, cada um com uma língua (ou dialeto), história e identidade particulares, convive pacificamente em um sistema de intercâmbio constante. O que até hoje fascina os antropólogos, eles têm uma cultura bastante homogênea em muitos aspectos, sobretudo na cultura material, entre a aparência física / o enfeite corporal, a alimentação e a forma das casas, aldeias e utensílios.

Ao mesmo tempo, lingüisticamente é difícil se imaginar uma origem mais variada de um conjunto de grupos, pois se encontravam ali tribos de língua Karib, Aruak e Tupí, e rio abaixo (em vias de aproximação a este sistema) falantes de uma língua isolada e outros da família Jê – ou seja, estavam ali representantes de todos os grandes conjuntos lingüísticos do Brasil. Conseqüentemente v. d. Steinen reformulou o quadro lingüístico brasileiro de v. Martius. A classificação de v. d. Steinen, em linhas mais gerais, se mostrou válida até hoje.

Se Steinen teve muita sorte em poder realizar a estas duas expedições aventureiras, maior foi a sorte da antropologia por ter sido ele, e não outrem, que realizou estas viagens, pois o etnólogo se mostrou altamente capacitado para as diversas exigências neste contexto. O mesmo vale para a sua companhia, especialmente para o seu primo Wilhelm, um desenhista científico destacado, cujos retratos são de um valor imenso para a etnologia (cf. Löschner 1993). Os dois livros que Steinen publicou sobre estas viagens (em 1886 e em 1894, traduções para português em 1942 e em 1940) são muito interessantes, inclusive para o grande público (houve até uma segunda tiragem), e ao mesmo tempo etnografias (com uma visão mais ampla) surpreendentes, ainda mais levando em consideração que a expedição ficou somente poucos dias em cada aldeia.

No campo da lingüística v. d. Steinen também mostrou habilidades excepcionais: sem ser formado na área, escreveu uma gramática da língua Bakairi (1892, lamentavelmente não traduzida para o Português), a qual é uma descrição excelente

e, ao mesmo tempo, uma aplicação das mais complicadas, pois v. d. Steinen compara o Bakairi com as outras línguas da família Karib e sempre chega a conclusões referentes à suposta língua mãe. Sua hipótese ousada de que as línguas Karib tiveram suas origens ao sul do rio Amazonas, na região das cabeceiras, nunca foi cabalmente refutada (cf. Schaden 1956, p.123, e também Schaden 1993, p. 115) e ganhou nova atualidade com pesquisas recentes (cf. Rodrigues, 1985).

Muito mais deve ser dito sobre v. d. Steinen, sobre a influência que recebeu do evolucionismo, a qual sempre o fez procurar as origens ou o surgimento dos elementos culturais encontrados entre os supostos "primitivos" – o que não impediu que ele observasse bem a difusão cultural. É também por isso que os seus dados são úteis para a etno-história atual. O espaço restrito proíbe que façamos jus a todos os aspectos de sua obra.

Várias foram as tradições que v. d. Steinen fundou, entre elas o interesse dos alemães pelo Xingu, rio que passou a ser chamado, na gíria, como 'rio dos alemães'.

Já na sua segunda viagem, v. d. Steinen levou consigo Paul Ehrenreich (1855–1914), outro etnólogo eminente com dom lingüístico forte. Ehrenreich já tinha estudado, na mesma época da primeira viagem de v. d. Steinen, os Botocudos do Vale do Rio Doce, nos atuais estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Os mesmos Botocudos que foram, aliás, de grande interesse para o príncipe Wied-Neuwied.

Logo depois de acompanhar v. d. Steinen ao alto Xingu, Ehrenreich visitou os Karajá do Rio Araguaia, em 1888, e ainda os índios Manaos (que deram origem ao nome da atual capital do estado do Amazonas) no Rio Purus, em 1889, e outros povos de língua Aruak, também no Purus.

Assim, deixou muitas notas sobre uma grande variedade de tribos, muitas delas, porém, já ultrapassadas, como é o caso do seu estudo sobre os Karajá, o qual foi retomado por F. Krause. Já E. Schaden considera que "ainda hoje a maioria dos livros e artigos que publicou sobre nossos silvícolas é tida como indispensável aos que se ocupam com a etnologia do Brasil".

Posso aqui somente mencionar brevemente um outro europeu de língua alemã, o suíço Emílio Goeldi (1859–1917). Ele é de interesse particular para Belém, pois se instalou aqui nos finais do século XIX e assumiu a chefia do Museu Paraense em 1894, o qual hoje leva o seu nome. Goeldi também tinha interesse nos índios brasileiros e chegou a publicar alguns artigos a respeito. Mas de maior significado no presente contexto é provavelmente seu sucesso em fazer do Museu Paraense um lugar de destaque científico em diversas áreas, inclusive nas ciências humanas (hoje representadas no Museu pela antropologia, arqueologia e lingüística). Como veremos, diversos cientistas reconhecidos do século XX trabalharam no Museu – foi ele que preparou a terra para esta fertilidade institucional.

Uma outra pessoa quero lembrar aqui brevemente, mas com especial atenção e respeito, pois se trata da única mulher desta listagem. Estou me referindo a Emilie Snethlage (1868–1929), zoóloga do Museu Paraense, uma mulher corajosa que fez uma viagem, em 1909, do baixo Xingu ao baixo Tapajós, cruzando uma outra área de terra incógnita, habitat, na época, dos Xipaia e Kuruaia, sobre os quais chegou a publicar observações etnográficas e coleções de material lingüístico. Estas anotações, que em parte foram publicadas pelo seu sobrinho, Emil Heinrich Snethlage, são de valor especial no caso dos Xipaia, uma vez que é uma etnia hoje extinta. Pelo material de E. Snethlage, sabemos que eram parentes dos índios Juruna. Os Kuruaia, parentes dos Mundurukú, existem até hoje, se bem que em número bastante reduzido.

Voltamos ao alto Xingu e à seqüência de viagens alemãs iniciada por v. d. Steinen. O próximo a visitar a área foi Hermann Meyer (1871–1923). Ele passou pela região duas vezes, em 1896–97 e 1898–99, mas não chegou a publicar muito a respeito (1900). Interessante notar é a sua posição científica, abandonando o padrão evolucionista e seguindo mais a linha da difusão cultural defendida por Friedrich Ratzel e Wilhelm Schmidt. Assim, estudou a distribuição de certos ítems e traços culturais, especulando sobre a origem destes e a sua conexão com grupos lingüísticos – indagações que até hoje são frutíferas para uma visão geral da pré-história.

Na sua segunda viagem para o alto Xingu, Meyer trouxe consigo o próximo elo na cadeia alemã, Theodor Koch-Grünberg (1872–1924), um dos mais conhecidos da etnologia brasileira dentro do mundo acadêmico, inclusive por causa do seu interesse literário (e, *vice versa*, por causa do interesse da literatura pelos seus estudos), apesar de que, como escreveu Schaden, em 1953: “As suas obras não foram ainda traduzidas para o Português, e o valor de sua contribuição científica é mais ou menos ignorado fora do círculo estreito dos especialistas”.

Além da viagem para o Xingu, Koch-Grünberg viajou, já no século XX, para a região dos rios Negro e Japurá (em 1903–05) e ao noroeste extremo do Brasil e o sul da Venezuela (em 1911–13). Assim, foi o primeiro dos pesquisadores aqui tratados que se interessou pela Amazônia setentrional. Destas viagens resultaram duas grandes publicações (1900 e 1917/18), a segunda com até cinco tomos (em espanhol, 1979 a 1982).

Como sua primeira formação era em filologia, Koch-Grünberg contribuiu muito para o estudo da mitologia sul-americana e das línguas indígenas, especificamente das línguas Taulipang (Karib), as famílias Tukano e Guaikuru e várias outras línguas das famílias Aruak e Karib. Schaden escreve: “Boa parte de sua capacidade de trabalho foi aplicada ao levantamento e à classificação de línguas indígenas sul-americanas, especialmente da Amazônia [do norte, SD].” Continua Schaden que ele, nesta área “foi até hoje, ao lado de Paul Rivet e Curt Nimuendajú, um dos mais competentes obreiros.” De fato, ele contribuiu como ninguém para o estabelecimento da percepção moderna do quadro lingüístico brasileiro, que consiste em que existem quatro grandes conjuntos lingüísticos (Tupí, Gê, Aruak e Karib) além de várias famílias menores que não se associam a esses blocos maiores, além de diversas línguas isoladas.

Koch-Grünberg morreu em 1924, em circunstâncias trágicas, de malária, ao iniciar mais uma exploração que ia levá-lo para os nascentes do Orinoco. Lamentavelmente, não chegou a escrever a grande visão-geral da lingüística e etnologia da Amazônia setentrional.

### **3) PESQUISADORES NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

#### **3.1) Os que Chegaram Antes da Primeira Guerra Mundial**

A quinta expedição alemã ao alto Xingú foi empreendida, na virada do século, por Max Schmidt (1874–1950). Apesar do fracasso desta expedição (talvez porque foi a primeira a ser realizada sem grande equipe), Schmidt dedicou o resto da sua vida ao estudo dos índios do Brasil, e, mais tarde, do Paraguai. Mas antes voltou, em 1926–28, para o Mato Grosso e a região das cabeceiras do Xingu, onde estudou os Bakairí. Formado em Direito, ele iniciou sua carreira na antropologia estudando o ‘estado de direito’ entre os índios, bem como sua ordem social e econômica. Também usou seu

talento para a descrição exata e pormenorizada de muitos aspectos da cultura material, como técnicas de fabricação de utensílios etc. Não houve contribuição sua na área da lingüística.

Max Schmidt foi o primeiro de um novo estilo de autores de língua alemã – antes dele, os pesquisadores vinham ao Brasil somente para suas pesquisas. Schmidt, porém, se radicou, em 1931, no Paraguai, onde faleceu em 1950 – empobrecido, pois não recebeu da Alemanha sua esperada aposentadoria, apesar de ter sido por vários anos o sucessor de v. d. Steinen como chefe da seção sul-americana do museu etnográfico de Berlim. Igualmente, supomos, foi devido à situação política e social na Alemanha, especialmente nas décadas de 1910 a 1940, que os pesquisadores alemães que somente visitaram o Brasil foram exceção.

Rudolf Schuller (1873-1932) nos interessa por duas razões: a) trabalhou como pesquisador no Museu Goeldi, em Belém, e b) atuou no campo da lingüística, mesmo sem ser formado nesta disciplina. Porém, ao contrário de especialmente v. d. Steinen e Koch-Grünberg, ele aparentemente não teve a capacidade de vencer esta falta de formação, pois hoje seus ensaios (cf. 1911) não são conhecidos.

O último a fazer pesquisas no Brasil antes da Primeira Guerra Mundial foi Fritz Krause (1881–1963). Diferentemente dos seus antecessores, Krause nunca visitou o Alto Xingu, mas sim, a região do Rio Araguaia (em 1908), onde retomou o estudo sobre os Karajá, superando, em grande parte, a obra de Ehrenreich a respeito (cf. 1911). Depois estudou, basicamente na Alemanha, a já vasta literatura e as coleções etnográficas, especialmente os acervos de Wilhelm v. d. Steinen e Hermann Meyer e as coleções xinguanas.

Curt Nimuendajú (1883–1945) era uma personalidade extraordinária. A ele se aplicam vários superlativos, não somente na escala da história da etnologia no Brasil, mas no mundo. Schaden chega a escrever: “Não houve, e por certo jamais haverá melhor conhecedor das tribos índias do país” (1967/68, p.77). E de fato, não houve um ano sequer, desde 1905 até 1942, em que não tivesse viajado por vários meses para estudar um ou outro grupo indígena ou para fazer escavações.

A sua considerável produção científica compreende 30 títulos publicados, desde pequenas listas de palavras e observações gramaticais de algumas línguas indígenas até copiosas monografias, especialmente sobre os Apinajé, Xerente e os Timbira orientais. Estes estudos intensivos elaborados depois de meses de convivência marcaram o início da etnografia moderna no país. Uma grande parte da sua obra, porém, especialmente os 13 tomos de material lingüístico, continua inédito.

Mas sigamos à cronologia. Curt Unkel, um jovem de vinte anos, operário de Jena sem formação acadêmica alguma, chegou em 1903 em São Paulo e ficou de vez no Brasil. Ele teve a enorme sorte de poder conviver, em 1905 a 1908, com os Apapokúva-Guarani de São Paulo – dos quais recebeu o nome Nimuendajú (com o qual ele se naturalizou em 1922 no Brasil). Ele estudou os Guaraní e os Kaingang até 1913, ano em que ele se mudou para Belém do Pará, onde viveu o resto da sua vida – quer dizer, quando não estava viajando.

Sua primeira obra, publicada em 1914, trata com conhecimento íntimo a religião dos Apapokúva-Guaraní. Depois, com base em Belém, empreendeu inúmeras pesquisas por uma grande parte da Amazônia, especialmente o estado do Pará; do Amapá pela ilha Maranhão e o litoral para o sudeste do estado, a região dos grandes afluentes do Amazonas: Araguaia, Xingú, Tapajós e Madeira, como também passou pelo estado do Amazonas. O resto do tempo aproveitou para estudar (ele era autodidata) e escrever.

A partir dos meados dos anos 1930 manteve contato com o conhecido etnólogo Robert H. Lowie, quem o incentivou a se dedicar ao estudo dos povos de língua Gê, até então algo menosprezados pela atenção da etnografia brasileira. Sua última paixão, porém, foram os Tukuna do alto Solimões, para onde o levou uma expedição de 1941 a 1942. Depois desta viagem adoeceu e parou por dois anos de viajar (com quase 60 anos de idade). Ele aproveitou o tempo para compilar seu preciosíssimo mapa etno-histórico, até hoje a primeira obra de referência etno-histórica, dando uma visão-geral da localização histórica / atual e da classificação das tribos indígenas do país.

Apesar de conselhos dissuasivos urgentes de médicos, C. Nimuendajú não resistiu à tentação de voltar para os Tukuna em 1945, onde morreu aos 62 anos. A publicação (em português ou inglês) e a exploração da sua rica obra inédita, especialmente no campo da lingüística, é uma das metas mais urgentes na área do estudo dos povos indígenas brasileiros.

### **3.2) *Depois da Primeira Guerra Mundial***

Percebe-se claramente o corte do engajamento alemão nos estudos brasileiros que se deu com a Primeira Guerra Mundial. Excetuando M. Schmidt, C. Nimuendajú e H. Baldus (ver abaixo), que se naturalizaram neste continente, houve somente um pesquisador de maior porte que realizou suas expedições na Amazônia entre as duas guerras: Heinrich Snethlage, sobrinho de Emilie Snethlage. Apesar da sua formação como zoólogo, estudou com grande interesse e empenho povos indígenas, especialmente de língua Gê, Tupí e Xapacura, nas ocasiões das suas duas viagens em 1923–26, no Pará, e 1933–35, na região limítrofe com a Bolívia.

Na mesma época chegou um outro alemão no Brasil, e ficou de vez: Herbert Baldus (1899–1970), um dos personagens mais marcantes da história mais recente da antropologia brasileira. Baldus fez bem em se naturalizar logo, pois como judeu e socialista não teria tido muita chance de sobreviver aos anos 1930 e 1940 na Europa. Além de sua contribuição importante para a consolidação da antropologia como disciplina acadêmica no Brasil (a expressão mais marcante disto deve ser a sua compilação da “Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira”), e na teoria antropológica (ele era, como funcionalista, um dos primeiros representantes de uma escola moderna neste campo, e iniciou, com E. Galvão e E. Schaden, o estudo da aculturação / transição cultural), Baldus também foi um dos primeiros a assumir a meta de estudar intensivamente um povo, no caso os Tapirapé. A sua monografia sobre este grupo somente foi publicada em 1970, no ano da sua morte, e ele, exigente, ainda não se mostrou satisfeito com a copiosa obra.

Queremos mencionar também, o teuto-brasileiro de segunda geração Harald Schultz (1909–1966). Sua contribuição consiste menos em interpretações ou em construções de modelos teóricos. Antes, trabalhou como documentarista, valendo-se como ninguém antes do meio visual.

Das suas inúmeras viagens durante vinte anos, que o levaram para quase o Brasil inteiro, trouxe milhares de fotografias e literalmente centenas de filmes etnográficos. Uns 70 destes filmes se encontram, hoje, no Museu de Arte Cinematográfica, em Göttingen. Já pelo estilo de vida que levou, sentimos uma certa afinidade com Curt Nimuendajú, e de fato este foi o único de quem o autodidata se considerou aluno.

## 4) PESQUISADORES NA SEGUNDA METÁDE DO SÉCULO XX

### 4.1) *Nos anos cinqüenta e sessenta*

Agora trataremos de dois missionários, que contribuíram, contudo, o suficiente para serem considerados antropólogos. O primeiro é Wilhelm Saake (1910–1982), que esteve por dez anos no Brasil, de 1950 a 1960. Depois de uma primeira visita aos Karib (Bakairi e Kalapalo) do Alto Xingú, em 1952/53, visitou os Rigbaktsa / Canoeiro no Mato Grosso, e os Baniwa do Içana, na região do Rio Negro, Amazonas.

Pelo valor de seu trabalho científico, Saake foi chamado, em 1960, a assumir a posição de diretor do Instituto Anthropos, em Viena, a qual ocupou até 1980.

Já é bem diferente a história do segundo missionário, Günther / Protásio Friel (1912–1974), que veio, como missionário em formação, para o Brasil em 1931, inicialmente para a Bahia. Em 1938 iniciou a missão entre os Tirió, na fronteira com a Guiana. Não houve um ano, até 1974, quando faleceu, em que não viajou para lá. Porém, seu interesse pelo estudo de culturas cresceu gradualmente e a certa altura este venceu a vocação missionária, a qual largou de vez por volta de 1960, continuando o trabalho com os Tirió. É seu mérito ter-se efetuado a demarcação das terras dos Tirió em 1969.

Já em 1954, Friel tinha se arraigado em Belém e se naturalizado Brasileiro, e a partir de 1957 trabalhou para o Museu Goeldi. Interessante, em nosso contexto, é também sua obra lingüística, especialmente uma classificação lingüístico-etnológica, restringida ao norte do Pará (1958).

Não podemos deixar de mencionar aqui, o descendente alemão Egon Schaden (1913–1991), grande organizador da antropologia brasileira. Schaden estudou os povos Guaraní, Kaingang e Xokleng, todos localizados no sul e, portanto, fora da Amazônia, mas sua grande contribuição à teoria antropológica, bem como seus estudos sobre a aculturação indígena, e *last but not least* a sua tradução do segundo livro de K. v.d. Steinen justificam que ele seja pelo menos mencionado nesta listagem. Ele publicou também em alemão, inclusive sobre a importância dos pesquisadores alemães para a etnologia brasileira (ver a introdução, acima).

Também vou mencionar brevemente o suíço Franz Caspar (1916–1977), autor de uma promissora monografia sobre os Tupari (1975), fruto de suas duas viagens ao Guaporé em 1948 e 1955. Depois da primeira viagem, começou a se interessar pela etnologia e chegou a se formar nesta disciplina em Hamburgo, em 1953. Porém, depois largou a antropologia para sempre.

### 4.2) *Pesquisadores contemporâneos*

Por último, não podemos dar mais do que ligeiras notas sobre alguns pesquisadores contemporâneos. O perfil de todos segue certas linhas comuns: vivem na Alemanha e visitam o Brasil somente poucas vezes, usualmente retomando pesquisas de seus ilustres antecessores.

Assim, Otto Zerries (\*1917) e Hans Becher realizaram uma parte da viagem que Koch-Grünberg visava (e não chegou a empreender). Eles estudam, independentemente, os índios Yanomami, na fronteira com a Venezuela, os quais ganharam maior atenção do grande público somente depois da Segunda Guerra Mundial. Becher também ajudou na publicação do segundo e do terceiro tomos da “Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira”, em Hannover.

A mais velha tradição de viagens foi retomada com a sétima e, até agora, última viagem oficial alemã ao alto Xingú, empreendida em 1983 por Günther Hartmann

(\*1924). Ele, como alguns dos seus antecessores, do Museu Etnológico de Berlim, passou a maior parte da sua vida acadêmica re-estudando as obras e coleções alemãs na própria Alemanha.

Mark Münzel fez pesquisas de campo em duas estadias, em 1967 e em 1968, entre os Kamayurá no Alto Xingu, e visitou os Makú no Rio Negro em 1967/68. Hoje, ele é um dos etnólogos mais reconhecidos na Alemanha, não restrito à América do Sul.

Não me é possível informar se houve outros estudos antropológicos no Brasil levados a cabo por alemães além das pessoas citadas, p.ex. para a elaboração de teses de doutorado.

No campo do estudo das línguas, consta que aparentemente nunca houve um lingüista formado da Alemanha que chegou a estudar uma língua amazônica brasileira, apesar do início prometedor que deram o filólogo Koch-Grünberg e Curt Nimuendajú, tendo o último falado bem várias línguas indígenas. As missionárias lingüistas Ursula Wiesenmann e Helga Weiss estudam o Kaingang, no sul do Brasil, e Kayabí, respectivamente. Aparentemente Christian Lehmann, um tipólogo reconhecido, não conseguiu superar as barreiras burocráticas e organizacionais na sua tentativa de estudar o Tikuna.

## 5) CONCLUSÃO

Ao resumir o exposto acima, o que mais chama atenção é o reflexo que a história geral teve no desenvolvimento da contribuição que pesquisadores de língua alemã fizeram ao estudo dos índios da Amazônia Brasileira. Durante séculos, os alemães tiveram um lugar destacado no estudo do Brasil e seus habitantes originais, certamente incentivado por exemplos ilustres como o dos irmãos von Humboldt e, no Brasil, especialmente von Martius. Houve efeitos positivos da política de apoio à ciência pelos feudos alemães e, subsequentemente, pelo Reino Alemão, e das estreitas relações de cooperação que este manteve com o Brasil imperial (e depois com a República Brasileira).

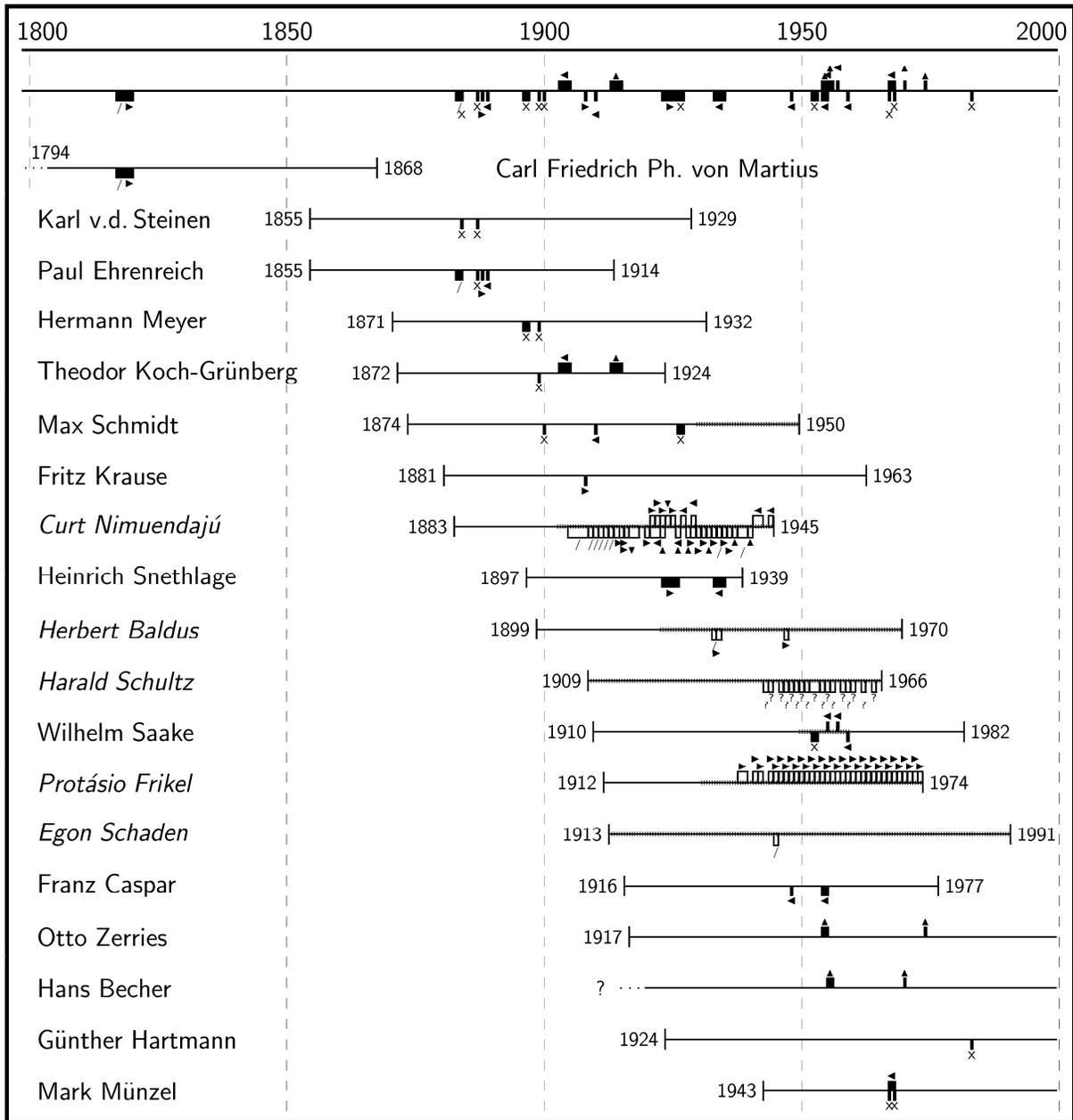
O auge da fertilidade científica certamente aconteceu na virada do século XIX para o século XX, com os estudos de Karl von den Steinen e seus sucessores, especialmente Ehrenreich e Koch-Grünberg.

A Primeira Guerra Mundial representa uma ruptura abrupta e fatal deste desenvolvimento tão promissor. A ciência Alemã perde de vez sua posição no Brasil sem conseguir recupera-la até hoje, inicialmente por falta de recursos nas décadas 20 e 30, e depois pela política ignorante e fatal do governo nazista. Somente depois desta época observamos sinais tímidos de uma normalização.

Na área que nos interessa, a contribuição de estudiosos relacionados à Alemanha no século XX vem na maior parte de alemães que migraram para o Brasil como Nimuendajú ou Baldus, ou por descendentes de migrantes, como Schultz e Schaden. Além deles, poucos alemães fizeram estudos etnológicos e lingüísticos sobre o Brasil, e muito poucos brasileiros completam sua formação na Alemanha.

O estudo dos trabalhos mencionados neste artigo, especialmente a edição e a tradução das obras destes pesquisadores, poderia servir como ponto de partida para o retomada das boas relações tradicionais entre os dois países neste campo da ciência.

## DIAGRAMA



Mostram-se as vidas dos mais importantes dos pesquisadores, representados por uma linha lisa, se a pessoa viveu na Europa e somente visitou o Brasil, e algo áspero quando a pessoa viveu na América do Sul, caso em que o nome aparece em itálicos.

As caixas escuras ou contornadas simbolizam expedições. No caso de expedições com base na Europa, usei uma marca escura, no caso de expedições de pesquisadores vivendo no Brasil, usei contornos. Uma visão combinada das anteriores se dá na primeira linha.

Uma marca abaixo da linha de vida simboliza uma viagem ao sul do rio Amazonas, uma marca em cima uma viagem ao norte ou para a região cerca ou ao longo do rio Amazonas. Os triângulos mostram a direção principal nesta área, como vista no mapa - para cima significa: para a região norte, um triângulo para a esquerda significa: para o oeste etc. Um '/' em baixo da marca simboliza pesquisas no sul / sudeste do Brasil, um '?' viagens cujo rumo exato desconheço, enquanto um 'X' marca uma viagem ao Alto Xingu, região de destaque para os alemães dos fundadores até hoje.

## BIBLIOGRAFIA

- BALDUS, Herbert. A viagem pelo Brasil de Spix e Martius. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, v. 69. 1940.
- \_\_\_\_\_. Maximiliano Príncipe de Wied-Neuwied. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, v. 74, p. 283–291. 1941.
- \_\_\_\_\_. Curt Nimuendajú. **Boletim Bibliográfico**, São Paulo, v. 8, p.91-99. 1945.
- \_\_\_\_\_. Max Schmidt 1874-1950. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v. 5, p. 253–259. 1951.
- \_\_\_\_\_. **Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira I**. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo. 1954.
- \_\_\_\_\_. **As contribuições de Maximiliano, príncipe de Wied-Neuwied ao estudo dos índios do Brasil**. Anais da II Reunião Brasileira de Antropologia (Bahia 1955). p. 73–86. Bahia, 1957.
- \_\_\_\_\_. Beiträge deutscher Sprache zur Indianerforschung in Brasilien (1954–1958). **Mitteilungen aus dem Museum für Völkerkunde Hamburg**, 25, p.151–155. 1959.
- \_\_\_\_\_. **Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira II**. Hannover: Kommissionsverlag Münstermann. 1968 (Völkerkundliche Abhandlungen IV).
- \_\_\_\_\_. **Tapirapé, Tribu Tupi do Brasil Central**. São Paulo. 1970.
- BECHER, Hans. **Die Suruá und Pakidaí: Zwei Yanomami-Stämme in Nordwestbrasilien**. Hamburgo: Cram, De Gruyter etc., v.XXVI. 1960 (Mitteilungen aus dem Museum für Völkerkunde in Hamburg, XXVI).
- \_\_\_\_\_. Protasius Frikel. **Zeitschrift für Ethnologie**, Berlin, v. 99. 1974.
- \_\_\_\_\_. Franz Caspar. **Zeitschrift für Ethnologie**, Berlin, v. 102. 1977.
- \_\_\_\_\_. Wilhelm Saake. **Zeitschrift für Ethnologie**, Berlin, v. 107. 1982.
- \_\_\_\_\_. Egon Schaden. **Zeitschrift für Ethnologie**, Berlin, v. 116. 1991.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **A obra lingüística de Curt Nimuendajú**. Rio de Janeiro: Museu Nacional. 1959 (Publicações Avulsas).
- CASPAR, Franz. **Die Tupari, ein Indianerstamm in Westbrasilien**. Berlin / New York: de Gruyter. 1975.

COELHO, Vera Penteadó. **Karl von den Steinen: Um século de Antropologia no Xingu**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1993.

EHRENREICH, Paul. Die Einteilung und Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens nach dem gegenwärtigen Stande unserer Kenntnisse. **Dr. A. Petermanns Mitteilungen aus Justus Perthes' geografischer Anstalt**, v. XXXVIII, Gotha, p.81–89, 114–124. 1891.

\_\_\_\_\_. A divisão e dispersão... **Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v.VIII, p.3–56. 1892.

\_\_\_\_\_. Materialien zur Sprachenkunde Brasiliens. **Zeitschr.f. Ethnologie**, Berlin, v. 27, p.149–176. 1895.

FRIKEL, Protasio. Classificação lingüístico-etnológica das tribos indígenas do Pará setentrional e zonas adjacentes. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 2, p.113-1187. 1958.

GALVÃO, Eduardo. Gunther Protasius Frikel 1912–1974. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v.21.2, p.224–5. 1978.

HARTMANN, Günther. **Xingu. Unter Indianern in Zentral-Brasilien**. Berlin: Staatliche Museen Preußischer Kulturbesitz, Museum für Völkerkunde Berlin. 1986.

HARTMANN, Thekla. Contribuições em Língua Alemã para a Etnologia do Brasil (1966-1976). **Revista do Museu Paulista, N.S.**, São Paulo, v. 23+24, p.217–243. 1976.

\_\_\_\_\_. **Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira III**. Berlin: Dietrich Reimer, v. 9. 1984.

HORCH, Rosemarie. Karl Friedrich Phil. von Martius (1794–1868). **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, v.6, p.187–194. 1969.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Zwei Jahre unter den Indianern**. Stuttgart: Strecker & Schroder. 1909.

\_\_\_\_\_. **Del Roraima al Orinoco**. Caracas: Banco Central de la Venezuela, 3 vols. 1979/82.

KRAUSE, Fritz. **In den Wildnissen Brasiliens: Bericht und Ergebnisse der Leipziger Araguaya-Expedition 1905**. Leipzig. 1911.

KUTSCHER, Gerd. **Berlin como Centro de Estudos Americanistas – Ensayo Biobibliográfico**. Berlin: Gebr. Mann. 1976.

LEITE, Yonne. A Obra lingüística inédita de Curt Nimuendajú. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 8, n. 2, p.156ff. 1960.

LÖSCHNER, Renate. A silustrações nos livros de viagem de Karl von den Steinen. In: COELHO (1993). p. 131–152.

von MARTIUS, Carl Friedrich Phil. **Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens**. Leipzig: Friedrich Fleischer, v. 1+2. 1867.

MELATTI, Julio Cesar. A Antropologia no Brasil: Um Roteiro. **Boletim Informativo e Bibliográfico**, [S.L.], v.17, p.123–211. 1984.

MELO, Veríssimo de. Nimuendajú. **Ensaio de Antropologia Brasileira**. Natal: Imprensa Universitária, 1973.

\_\_\_\_\_. Max Schmidt. **Revista de Atualidade Indígena**, Brasília, v. 4, p.51. 1977.

\_\_\_\_\_. Protasius Frikel. **Revista de Atualidade Indígena**, Brasília, v.2, p.48–49. 1977.

\_\_\_\_\_. Koch-Grünberg. **Revista de Atualidade Indígena**, Brasília, v.8, p.31–32. 1978.

MEYER, Herrmann. **Über seine Expedition nach Zentral-Brasilien**. Berlin. 1897.

\_\_\_\_\_. Bericht über seine zweite Xingu-Expedition. **Verhandlungen der Gesellschaft für Edrkunde zu Berlin**, v. 27, p.112–128. 1900.

MÜNZEL, Mark. **Medizinmannwesen und Geistervorstellungen bei den Kamayurá (Alto Xingu--Brasilien)**. Wiesbaden: Franz Steiner, 1971.

NIMUENDAJU, Curt. Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapocúva-Guaraní. **Zeitschrift für Ethnologie**, Berlin, v. 46. 1914.

\_\_\_\_\_. **The Apinayé**. Washington: Catholic University of America. 1939 [2.ed: 1967].

\_\_\_\_\_. **The Serente**. Los Angeles: The Southwest Museum. 1942.

\_\_\_\_\_. **The Eastern Timbira**. Berkeley, Los Angeles: Univ. o. California Press. 1946.

\_\_\_\_\_. **The Tukuna**. Berkeley, Los Angeles: Univ. o. California Press. 1952.

\_\_\_\_\_. **Mapa Etno-Histórico**. (2ª. Ed.) Rio de Janeiro: FIBGE. 1981 [1ª ed. ca. 1946].

PEREIRA, Nunes. **Curt Nimuendajú: Síntese de uma vida e de uma obra**. Belém: Oficinas Gráficas da Revista da Veterinária. 1946.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. Evidence for Tupí-Carib relationships. In: KLEIN, Harriet E. Mannelis; STARK, Louisa (Ed.). **South American Indian languages. Retrospect and prospect**. Austin: University of Texas Press, 1985. p.371–404.

ROESSLER, Gustav. Der Anteil der deutschen völkerkundlichen Erforschung des

tropischen Südamerika vom Ende des 19. Jahrhunderts bis zum Beginn des Weltkrieges. In: PLISCHKE, HANS (Ed.). **Göttinger Völkerkundliche Studien**: Otto Harrassowitz, 1939. p.268–288.

SCHADEN, Egon. Bibliografia de Paul Ehrenreich. **Revista do Museu Paulista N.S.**, São Paulo, n. 2, p.7–16. 1948.

\_\_\_\_\_. O Estudo do Índio Brasileiro – Ontem e Hoje. **Revista de História**, São Paulo, v. 12, p. 385–401. 1952.

\_\_\_\_\_. A obra científica de Koch-Grünberg. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v.I.2, p.133–136. 1953.

\_\_\_\_\_. **Karl von den Steinen e a etnologia brasileira**. Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas. São Paulo, 1955. 1153-1163.

\_\_\_\_\_. Karl von den Steinen e a exploração científica do Brasil. **Revista de Antropologia**, v. IV, p.117–128. 1956.

\_\_\_\_\_. A obra científica de Paul Ehrenreich. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 12, p. 81–86. 1964.

\_\_\_\_\_. Notas sobre a vida e a obra de Curt Nimuendajú. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 15/16, p.77–90. 1967/68.

\_\_\_\_\_. Herbert Baldus (1889-1970). **Revista do Museu Paulista, NS**, São Paulo, v. 28, p.7–23. 1968/69.

\_\_\_\_\_. Der deutsche Beitrag zur brasilianischen Ethnologie. **Beiträge zu den brasilianisch-deutschen Beziehungen 10**. Bonn - Bad Godesberg: DAAD-Forum, 1978. p.145–157. (Studien, Berichte, Materialien).

\_\_\_\_\_. A contribuição alemã à etnologia brasileira. **Atualidade indígena**, 20, p.17-25. 1981. [Primeiro em: III. Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros, Porto Alégre 1980.]

\_\_\_\_\_. Pioneiros Alemães da Exploração Etnológica do Alto Xingu. In: COELHO (1993). p.109–130.

SCHEFOLD – VON DEN STEINEN, Marianne. Síntese Biográfica de Karl von den Steinen. In: COELHO (1993). p.19–28.

SCHMIDT, Max. **Indianerstudien in Zentralbrasilien. Erlebnisse und ethnologische Ergebnisse einer Reise in den Jahren 1900–1901**. Berlin. 1905.

\_\_\_\_\_. Ergebnisse meiner zweijährigen Forschungsreise in Matto Grosso. September 1926 bis August 1928. **Zeitschrift für Ethnologie**, Berlin, v. 60, p.85–124. 1929. [Versão portuguesa no Boletim do Museu Nacional XIV–XVII, 1938-1941, Rio de

Janeiro 1942].

\_\_\_\_\_. Autobiografia de Max Schmidt. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 3, n. 2, p.115–124. 1955.

SCHULLER, Robert. Las lenguas indígenas de la cuenca del Amazonas y del Orinoco. **Revista Americana**, v. 5, p. 622–61; 6: p. 25–84. 1911.

SCHULTZ, Harald. **Hombu, Indian Life in the Brazilian Jungle**. Rio de Janeiro + Amsterdam: Colibris. 1962.

SNETHLAGE, Emilie. Zur Ethnographie der Chipaya und Curuahé. **Zeitschrift für Ethnologie**, Berlin, v. 42, p. 609–637. 1910.

SNETHLAGE, Emil Heinrich. **Atiko y. Meine Erlebnisse bei den Indianern des Guaporé**. Berlin. 1937.

STADEN, Hans. **Duas Viagens ao Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia / Edusp. 1974 [Original alemão de 1557].

von den STEINEN, Karl. **Die Bakairisprache. Mit Beiträgen zu einer Lautlehre der Karaibischen Grundsprache**. Leipzig: K.F. Kohlers Antiquarium. 1892.

\_\_\_\_\_. **Entre os aborígenes do Brasil Central**. São Paulo: separata da Revista do Arquivo. 1940 [= Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens, 1894, port. por Egon Schaden]

\_\_\_\_\_. **O Brasil Central**. São Paulo: Ed. nacional. 1942 [= Durch Zentral-Brasilien, 1886, port.]

THIEME, Inge. Karl von den Steinen: Vida e Obra. In: COELHO (1993). p.35–108.

von WIED-NEUWIED, Maximiliano Príncipe. **Viagem ao Brasil. 2a edição refundida e anotada por Olivério Pinto**. São Paulo. 1958.

ZERRIES, Otto. **Wild- und Buschgeister in Südamerika. Eine Untersuchung jägerzeitlicher Phänomene im Kulturbild südamerikanischer Indianer**. Wiesbaden. 1954.